

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO**

**FRANCESCO GRECO DELLE SERRE**

**VIDAS ELEVADAS**

**RELATÓRIO SOBRE A REALIZAÇÃO DE LIVRO FOTOGRÁFICO SOBRE O  
ELEVADO PRESIDENTE JOÃO GOULART**

**São Paulo**

**2019**

**FRANCESCO GRECO DELLE SERRE**

**VIDAS ELEVADAS**

**RELATÓRIO SOBRE A REALIZAÇÃO DE LIVRO FOTOGRÁFICO SOBRE O  
ELEVADO PRESIDENTE JOÃO GOULART**

Relatório Final do TCC II  
(Trabalho de Conclusão de Curso),  
apresentado ao Centro de  
Comunicação e Letras da Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, para  
obtenção do Título de Bacharel em  
Jornalismo, sob a orientação do Prof.  
Dr. Hugo de Almeida Harris

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE 2019**

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Dedico este trabalho ao meu pai, Ronaldo Delle Serre, que com muita luta desde o primeiro semestre conseguiu manter os meus estudos até o momento de minha conclusão - além de acompanhar minha evolução como jornalista.

## AGRADECIMENTO

Como na dedicatória, primeiramente agradeço ao meu pai, Ronaldo Delle Serre, por ter batalhado todos os dias para manter o meu estudo na faculdade, além de ter me acompanhado algumas vezes ao local do trabalho de conclusão.

À minha mãe e meu irmão, que acompanharam toda a produção da peça e me ajudaram em decisões importantes que eu deveria tomar durante o trabalho.

À minha namorada, Mayara Topgian, que aceitou passar alguns momentos do final de semana para ir ao Elevado e me acompanhar nesse importante capítulo da minha vida.

Não posso esquecer também do meu colega de trabalho no FOX Sports, Daniel Bocatto. Antes de levar minhas ideias ao professor no 6º semestre, conversei com Daniel sobre as possibilidades que havia pensado. Ele abriu um grande caminho e eu, durante a produção, descobri diversas outras trilhas a seguir.

Claro, agradecer ao meu orientador Hugo Harris, que me apoiou e deu todos os ensinamentos para que eu chegasse a esse momento. Sem suas aulas no 6º semestre, tenho certeza que a produção do meu TCC seria completamente diferente. Agradeço também a oportunidade de entrar no grupo de orientandos deste grande professor, referência no curso de jornalismo.

E por fim, às pessoas que me concederam as entrevistas e falaram abertamente sobre suas vidas e como o tema reflete no cotidiano.

*“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente”.*

**Roger Von Oech**

## RESUMO

Neste livro fotográfico o tema principal é o Minhocão e como esta gigante obra é compreendida pelos habitantes da região. O principal objetivo foi identificar o que significa o Elevado Presidente João Goulart para os entrevistados a partir de seus perfis e ligações com a via, dentro das fotografias. Em seguida, analisar a situação econômica que a construção trouxe para a região depois de tantos anos – ou até mesmo assim que foi finalizada, entendendo como houve a desvalorização de grandes imóveis do local. As entrevistas e as fotografias foram os principais métodos utilizados, para que houvesse a possibilidade de contar a narrativa destas pessoas ilustrando ao leitor o que significa o Minhocão, tendo em vista a subjetividade da pessoa ao falar e a minha ao fotografar. Para isso, Edvaldo Pereira Lima, no livro “Jornalismo Literário para iniciantes” foi importante para a liberdade da escrita, assim como “O olho do fotógrafo”, de Michael Freeman, ensinando sobre a composição da imagem. Como resultado, um livro com entrevistas naturais que mostram a verdadeira face de quem vive pelo Elevado e demonstra todo o caminho percorrido, incluindo descrição do cenário a partir também das fotografias. O processo foi bastante trabalhoso, mas cada foto foi escolhida com o intuito de passar alguma mensagem ao leitor, que pode entender também o significado do Minhocão.

**Palavras-chave:** Elevado Presidente João Goulart; Perfis; Fotografia; Jornalismo.

## **ABSTRACT**

In this photo book the main theme is the Minhocão and how this giant is understood by the inhabitants of the region. The main objective was to identify what High President João Goulart means to interviewed from their profiles and road links within the photographs. Then analyze the economic situation that the construction brought to the region after so many years - or even as soon as it was completed, understanding how there was the devaluation of large properties of the place. Interviews and photographs were the main methods used, so there was the possibility of telling the narrative of these people illustrating to the reader what the Minhocão means, in view of the subjectivity of the person speaking and mine when photographing. For this, Edvaldo Pereira Lima, in the book "Literary Journalism for Beginners" was important for freedom of writing, as well as Michael Freeman's "The Eye of the Photographer", teaching about the image's composition. As a result, a book with natural interviews that show the true face of those who live in the High and show all the way, including description of the scenery from the photographs. The process was quite toilsome, but each photo was chosen in order to convey a message to the reader, who can also understand the meaning of the Minhocão.

**Key-words:** Elevado Presidente João Goulart; Profiles; Photography; Journalism.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
1.1 Elevado Presidente João Goulart .....	14
1.2 Fotojornalismo.....	16
1.3 Jornalismo literário.....	17
<b>2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA</b> .....	18
2.1 Estilo e linguagem.....	18
2.2 Fontes.....	19
2.3 Equipe.....	21
2.4 Capítulos.....	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b> .....	25
<b>APÊNDICES</b> .....	28
I. Autorização para cessão de uso de Imagem e Áudio.....	28

## INTRODUÇÃO

Este relatório descreve a realização de um livro fotográfico a respeito das disparidades de perfil das pessoas que tenham ligação com o Elevado Presidente João Goulart, contando também com percepções sobre diferenças geográficas, sociais e artísticas que se relacionam ao local.

Popularmente conhecido como Minhocão<sup>1</sup>, o Elevado vai muito além de apenas concreto e carros passando sobre durante boa parte do dia. Há uma grande história por trás – social, geográfica, artística e até mesmo política – que se relaciona com os moradores das regiões que abrange.

Não apenas os habitantes, mas ações políticas envolveram ainda o nome do Minhocão, sendo alterado desde a sua inauguração, feita por Paulo Maluf, em 1971. Em 2016, o ex-prefeito Fernando Haddad fez uma mudança no nome, retirando a alusão e homenagem ao ex-presidente do Brasil Marechal Costa e Silva, segundo do regime militar, o substituindo por Elevado Presidente João Goulart, deposto pela ditadura.

O Elevado recebeu o apelido de Minhocão ainda em sua construção, pela população que morava próxima da gigantesca obra. Foi chamada desta forma pela semelhança - não física - a uma minhoca, que “comia” a cidade e se “arrastava” no meio dos edifícios da região.

Ainda em 2018, o ex-prefeito da cidade de São Paulo, João Dória, sancionou uma lei que cria e autoriza o Parque Minhocão. A decisão não foi totalmente aceita, já que Dória também vetou a demolição do local. Isso está previsto no Plano Diretor da cidade desde 2014, que apenas determina o fechamento aos finais de semana. Um avanço recente quanto às polêmicas que foi ligada, principalmente para a saúde de quem lá reside.

Tendo em vista a complexidade e importância deste Elevado para a cidade de São Paulo, contando além do aspecto social, geográfico e artístico, a mobilidade urbana, a pergunta problema deste projeto é: como um livro

---

<sup>1</sup> Minhocão: nome popular do Elevado Presidente João Goulart. Ao longo deste trabalho, o Elevado será abordado e chamado por Minhocão – e se tratando de um nome próprio, a palavra será iniciada com letra maiúscula.

fotográfico pode retratar as disparidades de perfis de pessoas que caracterizam o percurso do Elevado Presidente João Goulart?

O principal objetivo foi desenvolver um livro fotográfico, avaliando por meio das imagens e de perfis o que é e o que significa o Elevado para a região e para as pessoas que residem ou trabalham próximos a este símbolo da cidade.

Em seguida, o objetivo secundário se tornou identificar as diferenças econômicas e sociais que formam o entorno do Minhocão, criando por meios das fotografias uma reportagem. Há também ponto importante a se destacar: as fotografias não foram apenas jornalísticas, mas também artísticas. Durante a produção, os objetivos foram invertidos em ordem, já que depois de realizar algumas entrevistas ficou perceptível que as disparidades estariam dentro dos perfis - e que dessa forma seria possível conhecer quem está ao lado do Elevado.

Ainda como parte do objetivo secundário, investigar a história do Minhocão e as políticas públicas relacionadas a ele, estudar técnicas de fotografia para a cidade, assim como a construção de perfis. Estudar jornalismo literário, utilizando exemplos do *New Journalism*, como o livro "Hiroshima", de John Hersey. Analisar grandes reportagens, para estudar e aplicar técnicas de reportagem para a realização da peça foram realizados, para o mínimo de conhecimento durante o procedimento.

Esse tipo de pesquisa e análise, principalmente fotográfica, foi importante para identificar como é uma das mais conhecidas regiões da cidade de São Paulo, e como afeta o cotidiano de quem está nas proximidades.

Leis recentemente homologadas definirão o futuro do Elevado. Existem movimentações políticas para que seja demolido, seja mantido ou vire parque de uso comum - o que já está previsto no Plano Diretor de 2014, feito pelo ex-prefeito Fernando Haddad. Este caso deve ter uma definição até 2030, que é data limite proposta no documento oficial.

O assunto é motivo de discussão desde os anos 80, começando pelo projeto do arquiteto Luiz Antônio Pitanga do Amparo, que apresentou uma nova

cara ao Minhocão. Luiz o transformou em parque, mas sem deixar de ter transporte, que neste caso seria apenas público.

Em 1993, houve a primeira proposta oficial da ex-prefeita Luiza Erundina, que esteve à frente deste posto na cidade entre 1989 e 1992. A principal acusação de Erundina era que o Elevado foi o principal fator da degradação da região.

O Minhocão abrange os bairros de Santa Cecília, Barra Funda, Campos Elíseos e República, mas também os conecta por vias que levam às zonas oeste e leste. Neste trajeto, geograficamente e socialmente a cidade se altera, desde as pessoas que andam e residem, até as arquiteturas dos edifícios que estão por perto.

São os mais diversos cenários, com artes em laterais de prédios, nas colunas do Elevado e variados comércios, que são ótimos exemplos da dissemelhança na região.

Além disso, a grandiosa obra, realizada aos moldes da Transamazônica, foi elaborada para facilitar o trânsito da capital paulista, dando maior mobilidade para a ligação entre a Zona Leste e Oeste, cortando boa parte da região central, onde também se conecta.

Hoje é questionada pela quantidade de carros que fazem o local permanecer em trânsito, assim como em outros locais da cidade. Segundo dados do site oficial da Câmara Municipal de São Paulo, cerca de 70 mil carros passam por dia – mesmo que a tendência seja diminuir, devido ao horário de funcionamento – o que prejudica a saúde daqueles que vivem em frente local, devido à proximidade do Elevado.

O jornalismo de cotidiano é importante para questionar o urbanismo e as artérias da cidade, de como essa “válvula de escape” é representada e como influencia a capital paulista, entendendo o posicionamento da população em relação ao tema. Vale destacar que no censo de 2010, das 90 mil pessoas que moram entorno do Minhocão, 40 são da faixa etária de 30 a 59 anos, o que mostra a longevidade de quem mora neste local – comparado ao censo de 2000, eram cerca de 34 mil na mesma faixa etária.

Como responsável por passar a informação correta à população, o jornalismo faz esta ligação para entender as decisões do prefeito sobre o assunto. Além disso, pode trazer comentários e problemas – assim como soluções - que hipoteticamente acontecerão por conta de movimentações políticas que sejam tomadas, acarretando em toda a cidade.

Para poder realizar este trabalho, a metodologia teórica foi baseada em artigos, livros, documentários e matérias jornalísticas, como: os documentários “Ponto de vista”, de Caroline Carvalho, Fabio Santana e Ingid Mabelle e “Arquitetura: Minhocão”, de Paulo Markun e Sergio Roizenblit; o artigo “Minhocão: Resignificação do espaço por meio de intervenções culturais”, da Leila Barros Moura, a matéria “O que é e para que serve o Minhocão”, do site Jornal Nexa; e o livro “Barra Funda”, de Aideli Brunelli, Ana Paula Karruz, Dilze de Lima, Fernando Machado, Krystyna Okrent, Liliana Bosisio, Lina Gumauskas, Roseli Sobral, Simone Lins e Solange dos Santos.

Para a fotografia, os livros: “O olho do fotógrafo”, de Michael Freeman; “A ilusão Espetacular: Introdução à Fotografia”, de Arlindo Machado; “O Ato Fotográfico: Memória, prospecção e produção de sentidos na velhice”, de Joana Sanches-Justo; e “O Enquadramento: um olhar sobre a cidade, fotografia e sua história”, de Jussara Moreira de Azevedo.

Sobre o texto e o jornalismo literário, que também teve espaço, foram utilizadas as seguintes referências: “Jornalismo e Literatura em Convergência”, de Marcelo Bulhões; “Pensando contra os fatos: Jornalismo e Cotidiano – do senso comum ao senso crítico”, de Sylvia Moretzsohn; “Jornalismo Literário para iniciantes”, de Edvaldo Pereira Lima; e “Técnicas de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística”, de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari.

Estas pesquisas foram utilizadas para a compreensão de como a cidade era organizada, para a função dessa construção na capital, de forma que a abordagem prática seja feita com repertório pessoal, além de dados oficiais da Prefeitura de São Paulo.

A metodologia prática foi baseada em entrevistas com moradores dos prédios, que tenham seu apartamento muito próximo ao Elevado, vendo os

carros passarem e a diferença que é quando não estão circulando por lá, retratando os lados bons e ruins desta obra.

Comércios e artistas também estavam nos objetivos para entrevistas – como o artista plástico José de Carvalho Neto, que mora em frente ao Elevado, assim como o fotógrafo Felipe Morozini. Apenas Felipe foi entrevistado, pela dificuldade de contato que tive. Por muitas vezes tive de usar o Instagram, e mesmo assim tive fontes que não responderam - como a fotógrafa Raquel Brust.

Os professores de arquitetura da FAAP, Marcos Costa e Marina Grinover, dariam um peso do olhar clínico ao assunto, mas ao decorrer da produção, escolhi a realização de perfis, o que não tornava necessária a entrevista destes professores.

As fotografias antigas do Minhocão foram concedidas pelo Estadão, que por telefone liberaram o uso acadêmico.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 ELEVADO PRESIDENTE JOÃO GOULART**

A área que o Minhocão abrange é movimentada durante todo o dia, considerando os pontos de ônibus e estações de metrô que ficam abaixo da via, e os 70 mil veículos que passam sobre ele diariamente, segundo a Câmara Municipal de São Paulo – esta estimativa tende a cair, por conta da modificação de horários de abertura e fechamento.

Segundo dados de Bertoni (2016), o Minhocão custou cerca de 40 milhões de cruzeiros, o que equivale cerca de 400 milhões de reais. Foram 420 dias de obras (ou 14 meses), 3.100 operários, 32 mil toneladas de cimento, além de 80 desapropriações durante o período de construção.

Torres (2015) explica a insatisfação da população que essa grandiosa construção no centro de São Paulo gerou desde o princípio, ocasionando esse mal-estar nos 3,4 quilômetros, que liga a Zona Oeste à Leste, já que as residências – que são consideradas harmoniosas e seguras – se opõem à rua, estranha e perigosa, dada a proximidade às varandas dos apartamentos.

Contando ainda com dados do site oficial da Câmara Municipal de São Paulo, em pesquisa do Datafolha em 2015, apenas 7% da população gostaria desta via demolida. 53% dos entrevistados gostariam que fosse mantido como está, e 23% optam pelo parque. O restante não soube responder.

Moura (2017) elucida que com a construção e o favorecimento da população que possui a facilidade do automóvel para locomoção na cidade de São Paulo, este pode ser um exemplo de distinção entre pessoas de diferentes classes, usando as moradias que foram construídas ao redor do Minhocão.

O histórico das políticas urbanas da cidade de São Paulo sempre favoreceu as classes dominantes e setor industrial, com tratamento desigual e injusto a população de baixa renda. Parte desse padrão de “desenvolvimento” adotado se dá pela chamada globalização, que favorece a integração de mercadorias entre os países, padronizando o modo de vida das pessoas. (MOURA, 2017, p.6)

A autora ainda diz que, dessa forma, pode-se entender a construção da via, que primeiramente foi vetada pelo prefeito vigente Brigadeiro Faria Lima em 1968, mas passado para o próximo prefeito, caso quisesse construir. Foi quando o militar Costa e Silva indicou Paulo Maluf para a prefeitura de São Paulo. Este colocou a obra para ser realizada, ainda mais por viver no tempo onde as construções deveriam ser grandiosas, assim como a Transamazônica, característica da época no governo militar. Assim, onde havia concentração de carros por conta do comércio, cinemas e casas luxuosas – resquícios dos anos 30 e 40 – o Minhocão nasceu.

Brunelli, et al (2006) explica que a partir da construção da via elevada, os bairros do entorno foram afetados. As elites de Santa Cecília e Campos Elísios, locais que hoje ainda há antigos casarões, praticamente perderam o luxo das décadas anteriores e a disparidade que tinham em relação aos outros bairros. Isso se dá muito por conta da comercialização e deterioração que o Elevado trouxe ao local, ligando à antiga e operária popular Barra Funda, mudando o ambiente de grandes casas para humildes cortiços. (BRUNELLI, et al, 2006, p.28)

A década de 1940 marcou a cidade de São Paulo, urbanisticamente, em virtude dos grandes projetos viários das avenidas e por uma densa verticalização (prédio mais altos e com apartamentos menores). Entretanto, a Barra Funda parece não ter sido efetivamente afetada, exceto quando da construção da Via Elevada Presidente Artur da Costa e Silva – o “Minhocão” – entre os anos de 1969 e 1971, que até

hoje é apontado como agravante no processo de estagnação e deterioração do bairro. (BRUNELLI, et al, 2006, p.29)

Florence (2010) explica que o Minhocão já faz parte da cidade, mas que inúmeros prédios da região são ignorados por sua presença, o que gera relações de apego e dependência à quem tem relação diária, deixando claro a posição desta obra viária no centro da capital paulista, abrigando mais polêmicas.

O autor também expõe as aprendizagens acadêmicas acerca deste assunto, sobretudo na área de arquitetura e urbanismo, que também discute a sua utilidade, não somente a engenharia de trânsito. Assim, comprova quando diz que a construção não é aclamada pela crítica arquitetônica, contando que nas universidades de arquitetura o “descaso com o patrimônio” é exemplificado no caso do Minhocão.

Diante de todos os problemas que esta construção causou ao local, como aos moradores, que segundo Carneiro (2018) respiram 79% de poluição a mais do que a média da cidade, além dos limites de ruídos que estão acima do limite recomendável – 55 decibéis.

Carneiro (2018) propõe, a partir da criação da lei que transforma o Minhocão em parque, que haja essa conversão parcial ou integral do parque. Dessa forma, possíveis valorizações imobiliárias e propostas para o entorno do parque podem acontecer, e dentro do prazo de dois anos, deverão constar no PIU (Projeto de Intervenção Urbana – aprovado por João Dória durante seu mandato na prefeitura de São Paulo).

## **1.2 FOTOJORNALISMO**

Como expõe Machado (2015), a fotografia é um texto, entendendo pela interpretação, mas que se constrói a partir de seus elementos expressivos. Antes de entrar no jornalismo, a fotografia tem um significado, seja artística ou relatar fatos – da mesma forma que um texto escrito pode ser feito.

Freeman (2012) explica que as fotografias têm um contexto único e especial, e a partir disso são criadas, podendo permanecer sem alterações até a imagem final, ou recortada e estendida. A composição destas fotografias



tradicionais é pensada exatamente no final, depois do disparo. Porém se originadas da percepção e imaginação particular de quem está com a câmera, assim como uma pintura, o processo da fotografia se transforma na seleção de cenas e eventos que a deixam mais realista, tratando exatamente do real.

Sanches-Justo (2013) aborda a fotografia no mesmo sentido particular, não funcionando apenas como um artefato social ou até mesmo um objeto colecionável, como a sociedade costuma fazer com as fotos. A câmera é o próprio instrumento de mediação que pode assim tornar visível as particularidades do mundo a quem a realiza ou a quem a observa.

Com a construção dos sentidos a partir da foto, a autora explica que é possível criar uma narrativa, se aproximando então do propósito do fotojornalismo.

Fistarol (2003) acredita, junto ao editor-chefe do jornal *A Notícia*, Robert Adams, que a foto jornalística nunca perderá a credibilidade que alcançou durante os anos, sempre tentando deixar o mais original possível, mas que algumas montagens sobre elas podem pôr em cheque esta mesma confiança.

Para a autora, a fotografia na imprensa tem duas bases: “ético/moral do indivíduo dentro do fazer jornalístico [...]. A segunda diz respeito à coletividade ética dentro dos jornais” (FISTAROL, 2003, p.60), fazendo com que o jornalismo não vire, com o auxílio da fotografia, um mero espetáculo de imagens, onde priorizam quem saiba criar imagens – não fotografando e reinventando realidades, o que não está de acordo com o fotojornalismo, que busca a realidade por si.

### **1.3 JORNALISMO LITERÁRIO**

Lima (2010) aborda o jornalismo literário como uma área diferente ao jornalismo tradicional, baseado no determinismo, encontrando alguém ‘culpado’ de algo. Para o autor “o jornalismo literário desvenda a realidade social. A que não vemos. A que não queremos ver. Ou a que adoramos descobrir” (p.88).

Lima ainda relaciona o jornalismo literário à psicologia, desempenhando um papel sociológico, com retratos de situações e grupos sociais traçados,

efetivamente lendo indivíduos. A psique, portanto, está entre as missões de compreensão de mundo, confrontando os valores, tendências e características mais profundas – de forma que o perfil se encaixe para retratar a pessoa.

Sodré e Ferrari (1986) abordam que os perfis podem ser de diferentes personagens, que são divergentes entre si. O personagem-indivíduo, quando o retrato é mais psicológico do que propriamente referencial; o personagem-tipo, quando o jornalista tem em sua frente personalidades, celebridades; e por último o personagem-caricatura, que já percebe-se pela denominação uma pessoa literalmente personagem.

Os autores também buscam explicar o jornalismo literário utilizando o exemplo da crônica nas reportagens, onde nem sempre é muito nítida esta diferenciação. A reportagem, para eles, deve ser feita quando o jornalista está no local do acontecimento, com o testemunho do fato, podendo utilizar como artifício do narrador, ou seja, minimamente deve parecer que esteve presente.

O que estamos chamando de reportagem-crônica, portanto, tem caráter mais circunstancial e ambiental. Sendo pequena, não é notícia, nem tem abrangência da grande reportagem. Não se inscreve nos modelos de *fact-story*, *action-story* ou *quote-story*, embora possa usar alguns de seus recursos. Chega perto da crítica social e da opinião velada. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.87)

Bulhões (2007) se vale de uma explicação para o jornalismo e a sua ligação com a literatura, que teoricamente deveriam andar em vias diferentes, mas em um olhar retrospectivo dá a entender que há reciprocidade entre as partes que se atraem. As relações de convivência e conexão não foram completamente cortadas, o que causa esta ligação.

Para o autor, um dos grandes obstáculos entre jornalismo e literatura é o padrão criado no Estados Unidos, que foram repassados a países como o Brasil, que o utilizam como o novo jornalismo – sendo hegemônico no mundo todo. “A partir daí, pode-se considerar que as expressões de convergência entre o jornalismo e a literatura se tornariam mais complexas” (BULHÕES, 2007, p.29).

## **2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA**

### **2.1 ESTILO E LINGUAGEM**

A peça é um livro fotográfico, que contou também com entrevistas e perfis, de forma que ficassem harmoniosas com o contexto das fotografias do Minhocão. Os perfis foram traçados mais objetivamente, diferente de como planejado no início, mas que seja apenas uma apresentação e que se conectem com as fotografias.

O fotojornalismo estará em conexão com a subjetividade, já que o livro também tem sua parte literária. Basicamente, o jornalismo com a fotografia está para congelar os fatos e passar adiante, para que sejam publicadas com rapidez e informem o público, mas neste caso o tempo de produção e execução das fotos é um dos principais parceiros. Neste caso, uma câmera amadora e o celular foram os objetos que utilizei para realizar as fotos - pois eram as possibilidades que tinha em casa.

O tempo para a produção deste livro não poderia ser considerado como um inimigo, já que as fotografias não foram produzidas apenas com o objetivo de denunciar como está o Minhocão nos dias de hoje. Colocá-lo em confronto com a realidade que existe na capital, pegando pequenos detalhes que o caracterizem, de modo que realmente o torne único na cidade.

Da mesma forma que estes dois campos conversam, foi importante trazer dados e contextos que coloquem o leitor na história efetiva do Minhocão, para que este entenda do que se trata esta construção no meio de edifícios no centro de São Paulo antes de serem apresentados às personagens - por isso a escolha de colocar como introdução.

Ouvir diversos pontos de vista sobre um mesmo 'objeto' é fundamental para que o leitor crie sua própria conclusão do assunto, o que pode ser considerado como relevante, já que a subjetividade conversará com o imediatismo da denúncia – caso ela exista de fato.

## **2.2 FONTES**

As fontes que este trabalho teve foram pessoas que estão ao redor do Minhocão, desde comerciantes, até os moradores dos edifícios que têm apenas alguns metros de distância para o concreto e o asfalto da via elevada.

Uma pessoa que seria interessante: o arquiteto Luiz Antonio Pitanga do Amparo, criador da ideia revolucionária para o Elevado se tornar mais atual, tendo mais de uma opção para o Minhocão, em que não se baseia na criação efetiva de um parque, mas a modernização do local, de forma quicá futurista. No caso, Luiz não foi entrevistado, já que Felipe Morozini, fotógrafo e participante da Associação Parque Minhocão, me pareceu uma fonte mais interessante por ter realizado projetos em prol do objetivo que busca.

Também era planejada uma conversa com os professores de arquitetura da FAAP, Marcos Costa e Marina Grinover. Contudo, durante a execução do trabalho, optei em não levar para o lado de especialistas no assunto, mas o sentimento de quem estava ali perto cotidianamente e o que poderiam me dizer sobre o Elevado. Uma conversa fluida e verdadeira.

Entrei em contato com Felipe Morozini através do *Instagram* do Parque Minhocão, página da Associação que faz parte e tem grande notoriedade dentro deste grupo. A mesma forma de contato foi realizada com Iarlei Rangel, diretor do Grupo Esparrama. Os dois já eram personagens com quem planejei conversar desde o começo, por habitarem a região e participarem de grandes “projetos”.

O Castelinho da Rua Apa também era um objetivo, e gostaria de conversar com a pessoas que possuía aquele local, que foi restaurado recentemente. Dessa forma encontrei Maria Eulina, que brigou durante 20 anos para ter o local à disposição de sua ONG.

O foco sempre foi conversar e fotografar pessoas comuns que tivessem ligação com o local e o assunto, e dessa forma o trabalho foi realizado. Souza, cabeleireiro, é conhecido de Paulo Orlando, dentista na Barra Funda – meu amigo. Dessa forma encontrei Souza e achei relevante colocá-lo no livro por sua longa história com o Elevado. As outras duas fontes não foram exatamente planejadas, assim como Souza, apenas as encontrei ao sair para fotografar e procurar por mais histórias.

Comerciantes foram fundamentais para entender como o movimento se dá naquela região e qual a ‘responsabilidade’ do Minhocão nisso. Além deles, talvez as mais importantes fontes: moradores. Estes deram declarações e serão

acompanhados por algumas horas para que seja notada e recordada para o trabalho, de forma que foi exatamente traduzida para o livro. Durante o ano, conversei com outras pessoas que estavam envolvidas com o local, para entender o sentimento sobre aquele assunto, mas apenas as entrevistas mais “formais” fizeram parte do produto.

### **2.3 EQUIPE**

Como o projeto se baseia em um livro fotográfico, a equipe variou por eu ter sido apenas acompanhado por minha namorada e meu pai, mas boa parte do tempo estive sozinho – em que apenas eu produzi algo, mesmo com companhia. Uma escolha pensada para tornar o momento mais confortável para a pessoa que estava disposta a me conceder a entrevista e ser fotografado.

Como a peça é um livro fotográfico, necessita diagramação, então Almerino Gonçalves, formado em jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi contratado para realizar esta função. Tivemos uma boa relação, para que ficasse da forma que imaginei, mas seguindo um roteiro, tendo em vista o que poderia ser viável ou não para o projeto - e confiando na capacidade de quem estava do outro lado.

Daniel Bocatto, repórter dos canais FOX Sports, também formado em jornalismo, mas pela Universidade Metodista de São Paulo, foi contratado como revisor. Por já ter trabalhado desta forma em outras ocasiões, tive a confiança que Daniel realizaria um bom trabalho, assim como Almerino. E nesses momentos, a comunicação com ambos foi fundamental.

### **2.4 CAPÍTULOS**

Inicialmente, o livro era planejado para ter dois grandes capítulos, separando o Minhocão em suas partes fundamentais para que fosse compreendido, mediante sua complexidade geográfica e social.

Na prática, com a mudança de objetivos primário e secundário, inverti a ordem de importância e assim separei em 6 capítulos com personagens. Além

disso, conta também com a introdução, que é fundamental para entender o que é o Minhocão e como surgiu, assim como as considerações finais pensa no futuro.

A partir disso, podemos entrar nas histórias das pessoas que tem relação com o Elevado, seja ele em qualquer nível. Desta maneira, no primeiro capítulo, coloquei Carlos, que tira sua renda de vendas no Minhocão e perto do Mackenzie – me permitiu que usasse sua imagem e entrevista através de um áudio gravado no momento do encontro. Depois, Felipe Morozini, membro da Associação Parque Minhocão. Em seguida, outra pessoa que tira o sustento de um comercio que está ligado ao Elevado, mas não exatamente nele. Hoje, a loja “Elvis Arte e Decoração” não existe mais. Foi demolida e se tornará um edifício do projeto Minha Casa, Minha Vida.

No capítulo 4, uma pessoa que além do salão, mora em frente ao Minhocão. Por mais que as fotos tenham sido produzidas dentro do salão - onde passa maior parte do tempo, Souza contou uma história emocionante desde que chegou a São Paulo e pela família que construiu (sempre perto da Praça Marechal que adora, como disse várias vezes durante a entrevista).

Nesta ligação, Maria Eulina, que veio do norte do Brasil, tem uma história de bons anos com o Minhocão - e que nela está ligado ainda o caso do Castelinho, um local conhecido da região que permaneceu abandonado por muitos anos.

E por último Iarlei Rangel, diretor de um grupo de teatro que faz apresentações em ligação direta ao Minhocão. O mais interessante foi saber como eles realizavam as peças e de onde o grupo surgiu, dando voz e imagem às pessoas que estão ali, tão perto da via, mas “escondidas” dos automóveis que passam durante o dia em suas janelas, esparramando ruídos perturbadores.

Foi interessante colocar neste momento os depoimentos dos moradores, de como é ter o Minhocão de vizinho e ainda pensando nas mudanças que podem ocorrer, desde parque até a demolição. Será que a demolição causaria falta de identidade? As opiniões são diferentes e era exatamente uma das coisas que busquei quando fiz o trabalho.

Ao longo destes capítulos, as entrevistas com moradores e trabalhadores que passam horas próximos ao Minhocão foram objetivamente colocadas nas páginas que signifiquem algo, que tenham ligação direta às fotos. Já falando sobre as fotos, primeiramente as separei por mais relevantes e artísticas a partir do que as personagens disseram. Assim, editei algumas colocando com preto e branco e o diagramador Almerino Gonçalves, tratou outras específicas, que tenham ficado estouradas ou muito escuras. Para as fotografias das crianças presentes no livro, foram utilizadas para fim acadêmico, da mesma maneira que as imagens cedidas pelo Estadão.

Portanto, cabe ao leitor captar as informações principais que estão nas entrevistas e realizar uma conexão com as fotografias do livro, fazendo desta forma, também, um perfil do inanimado Minhocão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de realização da pesquisa e do produto em si foi uma verdadeira aula prática de jornalismo e sensibilidade. Jornalismo por saber diferenciar o que era importante e interessante para o projeto, e sensibilidade para as fotografias, já que é o carro chefe do TCC.

Mesmo que nenhuma entrevista tivesse sido combinada previamente, não foi um problema. Muitos amigos colaboraram para que eu pudesse entrevistar algumas pessoas da região, já que moro próximo ao Elevado e também sei de alguns pontos que seriam importantes que eu fosse à campo, como o Castelinho da Rua Apa. É claro que antes houve um estudo, e nisso muito se encaixa o referencial teórico, que deu bagagem para pesquisar apenas itens certos e de relevância para o trabalho.

Tendo em vista as movimentações políticas que aconteceram no começo de 2019, feitas pelo atual prefeito de São Paulo, Bruno Covas, o Minhocão voltou a ser pauta de discussões - exatamente quando o projeto iniciava de fato.

Para que as entrevistas acontecessem de forma natural, os livros foram importantes, para que o entrevistado não se sentisse incomodado em contar

alguma história que lhe fosse delicada - o que não aconteceu em nenhum momento.

Mesmo assim, as fotografias continuam como o carro-chefe deste produto. Antes de tudo, houve um planejamento para que fossem apenas jornalísticas, evidenciando como está o local por onde em média passam 70 mil carros por dia. Mas, com as conversas e os pontos levantados pelos entrevistados, já num primeiro momento, a mudança teve de chegar e a subjetividade recebeu o espaço necessário nas fotografias.

A pergunta problema de como um livro fotográfico poderia retratar as disparidades de perfis de pessoas que caracterizam o percurso do Elevado Presidente João Goulart foi respondida, pois há uma diferença (muito grande) entre alguns moradores e comerciantes sobre o Minhocão. Aquele espaço para carros é visto de diversas formas, inclusive pensando para o futuro da região, que é a grande preocupação da maioria. Vale salientar que o salário médio na região fica em cerca de 3 mil reais segundo estudo da Prefeitura. Uma localidade em que não há pobres ou ricos, mas classe média que possa pagar a moradia.

Com o estudo da região e a preocupação dos personagens, pode-se notar que uma mudança de ares está a ponto de ocorrer, porém apenas com o tempo e a realização de algumas políticas públicas irá acontecer de fato.

Dessa forma, nota-se também que houve uma mudança grande entre os moradores de antes do Elevado e depois da construção, já que pessoas de rendas menores tiveram a possibilidade de morar no centro de São Paulo, principalmente numa região bem localizada como esta - e principalmente, um detalhe que poucos sabem e só pode ser percebido com as conversas: a maioria dos moradores está há muito tempo. No caso dos entrevistados, chegam a 19 anos. Tudo a partir da pergunta problema, que deu a liberdade de produção e entendimento da história e relação da pessoa com o Elevado.

A produção deste livro me obriga a continuar atento aos acontecimentos da região e como será afetado depois da criação do Parque Minhocão efetivamente, na extensão superior à Rua Amaral Gurgel.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUITETURAS: Minhocão. Direção de Paulo Markun e Sergio Roizenblit. São Paulo: Sesc Tv, 2015. (26 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1H00XH6H4Wo>>. Acesso em: 05 set. 2018.

AZEVEDO, Jussara Moreira de. O Enquadramento: um olhar sobre a cidade, a fotografia e sua história. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL DA CIDADE, 1., 2015, Porto Alegre. Colóquio. Porto Alegre: Sessão Temática Imagens, 2015. p. 456 - 470. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/31IMJussara\\_Moreira\\_deAzevedo.pdf](http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/31IMJussara_Moreira_deAzevedo.pdf)>. Acesso em: 05 set. 2018.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

BERTONI, Estêvão. O que é e para que serve o Minhocão. **Nexo Jornal**. São Paulo, p. 1-1. 11 out. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/11/O-que-%C3%A9-e-para-que-serve-o-Minhoc%C3%A3o>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BRUNELLI, Aideli S. Urbani et al. **Barra Funda**: Série história dos bairros de São Paulo. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2006. 29 v.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2007. 216 p.

CARNEIRO, Rafael. Prefeitura autoriza Parque Minhocão, mas moradores sonham com demolição do elevado. **Carta Capital**, São Paulo, p.1-1, 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/32xsp/prefeitura-autoriza-parque-minhocao-mas-moradores-sonham-com-demolicao-do-elevado>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

FLORENCE, Luiz Ricardo. Estreia "Elevado 3.5". **Vitruvius**: Drops, São Paulo, p.1-1, jun. 2010. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/10.032/3441>>. Acesso em: 03 out. 2018

FREEMAN, Michael. **O olho do fotógrafo: Composição e Design para Fotografias Digitais Incríveis**. São Paulo: Bookman, 2012. 192 p.

GEOINFO. **Caracterização Demográfica do Entorno do Minhocão**. São Paulo, 2019. Disponível em: [https://participe.gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/parque-minhocao/geoinfo\\_caracterizacao-demografica-minhocao.pdf](https://participe.gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/parque-minhocao/geoinfo_caracterizacao-demografica-minhocao.pdf) . Acesso em: 21 mai. 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**. São Paulo: Clube dos Autores, 2010. 148 p.

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Espetacular: Introdução à fotografia**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. 163 p. Disponível em: [https://www.academia.edu/11933999/A\\_Ilusa\\_o\\_Especular\\_-\\_Arlindo\\_Machado](https://www.academia.edu/11933999/A_Ilusa_o_Especular_-_Arlindo_Machado). Acesso em: 03 out. 2018.

MINHOCÃO: demolir ou virar parque?. Roteiro: Fred Melo Paiva. 2015. (27 min.), son., color. Série Cidade Ocupada (com Fred Melo Paiva). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A8awelSvx80>. Acesso em: 04 set. 2018.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: Jornalismo E Cotidiano - Do Senso Comum Ao Senso Crítico**. São Paulo: Revan, 2007. 304 p.

MOURA, Leila Barros. **MINHOCÃO: Resignificação do espaço por meio de intervenções culturais**. 2017. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: [https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/minhocao\\_-\\_ressignificacao\\_do\\_espaco\\_por\\_meio\\_de\\_intervencoes\\_culturais\\_-\\_leila\\_barros\\_moura\\_-\\_13.06.2017.pdf](https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/minhocao_-_ressignificacao_do_espaco_por_meio_de_intervencoes_culturais_-_leila_barros_moura_-_13.06.2017.pdf). Acesso em: 29 ago. 2018.

PONTO de Vista (Minhocão). Produção de Caroline Carvalho, Fabio Santana, Ingrid Mabelle. São Paulo, 2016. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FZrgLzHoKeU>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SANCHES-JUSTO, Joana. **O Ato Fotográfico: Memória, prospecção e produção de sentidos na velhice**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 142 p. Disponível em:

<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109266/ISBN9788579834349.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 out. 2018

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1986. 144 p.

TORRES, Yanne Nigro. **Minhocão: Entre o céu e o chão: Metamorfoses espaciais na metrópole paulistana**. Presidente Prudente: Unesp, 2015. 125 p. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/136143>>. Acesso em: 03 out. 2018.

## APÊNDICES

### I. Autorização para cessão de uso de Imagem e Áudio



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO	
<p>Eu, <u>Iarlei Rangel Leal Sena</u>, portador do RG N° <u>21.783.170-9</u> e CPF N° <u>264.003.798-60</u>, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.</p>	
<p>Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.</p>	
<p>São Paulo, <u>03</u> de <u>10</u> de <u>2019</u>.</p>	
<p>            _____            Cedente</p>	
<p>_____            Pai ou responsável (se for o caso)</p>	
<p>Testemunhas:</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	



**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO**

Eu, **Felipe Morozini**, portador do RG N° **11378913** e CPF N° **245448698-97**, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, **7** de **10** de **2019**

Cedente

Testemunhas:

**Alice Hallmann**

Pai ou responsável (se for o caso)

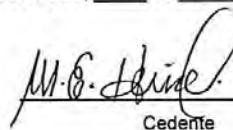


**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO**

Eu, Maria Zulma R S. Hilsenbeek, portador do RG  
 Nº 9.830.054.9 e CPF Nº 143.635.748.95, autorizo,  
 prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos  
 termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade  
 Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos  
 – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV  
 Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles  
 eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta  
 autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,  
 juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

  
 Cedente

\_\_\_\_\_  
 Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_